

A Trindade

Gordon Haddon Clark

No Novo Testamento as três Pessoas são claramente retratadas, e o povo de Deus nesta era deve encontrar o problema de como os três podem ser um e o um três. O Antigo Testamento não é anulado de forma alguma. Não somos politeístas ou tri-teístas, mas monoteístas; e Gregório de Nazianzeno disse corretamente: “Eu não posso pensar sobre *um*, mas sou imediatamente rodeado com o esplendor dos *três*; nem posso descobrir claramente os *três*, mas sou subitamente levado de volta ao *um*”. Os cristãos são monoteístas e trinitarianos. Como Calvino (*Institutes*, I, xiii, 2) disse: “Embora ele se declare como sendo apenas Um, ele se propõe a ser distintamente considerado em Três Pessoas, sem cuja apreensão, temos apenas um nome vazio de Deus fluando em nossas mentes, sem qualquer idéia do verdadeiro Deus”.

Por essa mesma razão, parece que Calvino exagera suas advertências contra a curiosidade vã. Sem dúvida alguma, pessoas gastam seu tempo em curiosidade inútil; mas elas devem ser poucas em número, pois a população geral gasta pouquíssimo tempo considerando a Trindade ou qualquer outra parte do Cristianismo. Certamente, é também verdade que todos nós cometemos enganos em nossa teologia. Ninguém está livre de erro. Portanto, como Calvino diz, devemos ser prudentes, cuidadosos e reverentes. Devemos considerar todas as doutrinas, não somente a da Trindade, de todos os ângulos. Devemos perguntar: Nossa exegese está correta? Nossos sumários são tão completos como requerido? Nossas inferências são válidas? Mas com toda a cautela devida, ainda parece que os homens deveriam ser urgidos a serem mais curiosos sobre a fé, e não menos.

Se há qualquer influência de filosofia grega na doutrina da Trindade, seria na relação das três Pessoas com uma essência. Isso é muito complicado. Envolve o problema filosófico geral de unidade na multiplicidade. Parmênides e Platão foram fortes na unidade; mas o primeiro não progrediu na multiplicidade, e muitos pensam que Platão não foi exatamente bem-sucedido. Por um lado, Locke, Berkeley, e William James foram fortes na multiplicidade, mas a unidade os iludiu. Esse problema não é um problema artificial inventado pela filosofia secular, do qual os cristãos escapam automaticamente. Nem a Trindade é o único ponto no Cristianismo onde ele aparece. A solução do enigma também alcança a doutrina da criação, a origem das almas da posteridade de Adão e a doutrina do pecado original. Portanto, não importa o quanto um estudante principiante gostaria de evitar a filosofia, mais cedo ou mais tarde ele enfrentará essas dificuldades ou resignará a teologia em desespero.

A solução que as páginas seguintes defendem é a filosofia do Realismo, frequentemente chamada de Platonismo. Estritamente, ela não é Platonismo, mas antes a teoria de idéias como transformada por Philo. O termo *Realismo*, como oposto à epistemologia empírica e nominalística, denota qualquer teoria que insiste que conhecemos o objeto real, não meramente uma imagem sensorial ou uma representação dele. Platão chamou esses objetos reais de *Idéias*. O argumento é esse: suponha que você tenha diversos dados de vários tamanhos. Todos eles têm a mesma forma. Agora, essa forma é algo real. Mesmo que a forma venha em tamanhos diferentes, ela é a mesma forma idêntica. Se somente os objetos sensoriais fossem reais, não poderia haver nenhuma idéia de similaridade ou identidade, pois nenhum dos dados é a própria similaridade. Nem é qualquer um desses dados o *cubo*. Se algum desses dados fosse o cubo, e se somente objetos sensoriais são reais, então nenhum outro dado poderia ser cubo. Portanto, há um objeto real de conhecimento, o cubo. Ele não é um objeto sensorial, não somente pela razão precedente, mas também porque esse cubo existe em muitos lugares ao mesmo tempo, como nenhum objeto sensorial pode existir. Similarmente, Platão uniu todos os homens sob o Homem-Idéia, todos os cavalos sob o Cavalo, e todas as coisas bonitas sob a Beleza real. Com outros argumentos Platão também afirmou a realidade dos objetos intelectuais conhecíveis.

A outra parte da teoria Platônica que nenhum cristão pode aceitar, e a transformação de Philo dela, será discutida no próximo capítulo. Mas sem essa parte da teoria, a saber, a afirmação dos objetos intelectuais não-sensoriais, é difícil ver como um entendimento da Bíblia seria possível. Para começar, o próprio Deus não é um objeto não-sensorial. Assim é a idéia da justificação pela fé — bem como homens e animais e cubos. O empirismo requereria todos os substantivos como sendo nomes próprios dos objetos individuais sensoriais; ele nunca pode dar satisfações sobre a unidade nessa multiplicidade, e, portanto, torna a comunicação e o pensamento impossível.

Agora, quando enfrentamos o assunto da Trindade — a unidade comum nas três Pessoas — não podemos dizer que as três Pessoas compartilham ou comunicam as características comuns de onipotência, onisciência, e assim por diante, e assim constituem uma essência? O ponto de vista platônico torna essa essência uma realidade, tão verdadeiramente como Homem e Beleza são reais. Não fosse a essência uma realidade, e as Pessoas, portanto, as únicas realidades, teríamos um tri-teísmo, ao invés de monoteísmo.

Mas se alguém afirma que é completamente errado começar com a epistemologia realística, é suficiente lembrar que o nominalismo não fornece nenhuma base para a imputação de justiça e justificação pela fé. Ou até mesmo para falar sobre a raça humana. Para qualquer doutrina, é necessário que o cubo seja um objeto real de conhecimento.

Uma objeção mais substancial é que a unidade na Deidade não pode ser a unidade de uma espécie ou gênero. As três Pessoas são um num sentido estrito, profundo e mais inexplicável do que o sentido no qual

três ou trinta homens são um. Se essa objeção é plausível ou não, depende do sentido no qual os homens são um e o sentido no qual a Trindade é uma. Aqueles que fazem essa objeção deveriam definir os dois sentidos (se há realmente dois) e apontar a distinção. A menos que saibamos como as Pessoas são uma e como os homens são um, não podemos dizer se a unidade é a mesma ou se é diferente. Mas os objetores dificilmente definem a unidade específica e recusam a capacidade de definir a unidade divina. A formulação deles, contudo, segure que eles estão usando a terminologia aristotélica e que eles têm entendido incorretamente Platão.

Hodge escreveu (*Systematic Theology*, II, 59), “toda a natureza da essência está na pessoa divina (cada uma), mas a pessoa humana (cada uma) é somente uma parte da natureza humana comum” [Hodge está citando W. G. T. Shedd, *History of Christian Doctrine*, II, 120. —Ed.] Essa é uma sentença confusa. Para ser congruente com o argumento, ela deveria ser lida assim, “toda a natureza ou essência está na pessoa divina, mas somente uma parte da natureza humana comum está na pessoa humana”. Se a sentença não for assim interpretada, a antítese que Hodge quer afirmar — a antítese entre a unidade em Deus e a unidade nos homens — desaparece. Todavia essa interpretação, a única que preserva a antítese, torna a segunda metade da sentença falsa; pois se uma parte da natureza humana está faltando num objeto, se a definição desse objeto não inclui toda parte da definição do homem, se o homem não participa na Idéia toda, esse objeto seria um homem individual. Um homem é homem somente porque a definição inteira é apropriada.

Os argumentos do eminente teólogo americano falham completamente em mostrar que o realismo epistemológico, e especialmente a afirmação de que há Idéias eternas na mente de Deus, são inconsistentes com a doutrina da Trindade. Mas isso deve ser deixado da mesma forma claro, no interesse da lógica correta, que a falha dos argumentos de Hodge não prova a identidade do tipo de unidade entre homens com o tipo de unidade entre as três Pessoas da Trindade. Ela permanece uma opção plausível não refutada. Parece ser a melhor solução já proposta. Mas ela ainda pode ser — e indubitavelmente é — inadequada.

Um dos propósitos dessa discussão é advertir os estudantes que a teoria das Idéias não é inconsistente com a encarnação de Cristo, como Hodge reivindica; nem ela nega que o pecado de Adão foi o pecado de um homem individual, como Hodge também reivindica; nem ela conflita, antes é essencial para as doutrinas da justificação, regeneração e outras doutrinas. Nem é verdade dizer, como Hodge o faz, que “como um fato histórico, os advogados consistentes e profundos dessa doutrina ensinam um método inteiramente diferente de salvação”. Isso pode ser verdade de alguns Hegelianos do século dezanove, mas note que foi Agostinho quem defendeu a graça contra as obras de Pelágio. Note também que Anselmo teve um melhor entendimento da expiação do que qualquer um antes dele (exceto os apóstolos), e note também que no Catolicismo recente, foram os jansenistas e

agostinianos quem preservaram mais do Evangelho do que seus oponentes. Hodge diz: “somente indivíduos existem” (62). Mas se fosse assim, não haveria nenhuma unidade *real* na Deidade, e teríamos somente os três indivíduos.

Outro teólogo mais recente também teve dificuldade com unidade e multiplicidade, com os três e o um. Se alguém enfatiza a lógica e observa que algo pode ser três num aspecto e um num aspecto diferente, o problema da Trindade desaparece no que diz respeito a essa supostamente contradição lógica. Não é difícil encontrar exemplos de uma combinação de três e um. Uma corporação pode consistir de três oficiais e uma corporação. Se isso é “adequado” para a Trindade é irrelevante. Ela mostra que três e unidade pode coexistir; e se nesse caso, e dessa maneira, então sem dúvida em outros casos e em outras maneiras. Assim, a alegada impossibilidade lógica da Trindade é desfeita. A Trindade é um num sentido e três num sentido diferente. Isso é tudo o que necessário para se evitar a contradição.

Estranho de dizer, um teólogo recente teve renovada a dificuldade lógica ou talvez inventou uma nova. Cornelius Van Til afirma a unidade e a pluralidade da Trindade exatamente no mesmo sentido. Ele rejeita a doutrina atanasiana de uma substância e três Pessoas, ou uma realidade e três *hypostases*. Suas palavras são: “Afirmamos que Deus, isto é, toda a Deidade, é uma pessoa” (*An Introduction to Systematic Theology*, 229). O plano de estudo mimeografado sobre o título de sua página diz que ele é para propósitos de sala de aula apenas, e não deve ser considerado como um livro publicado. O que isso significa não é claro. O autor ensina isso em sala de aula e torna-o público. Não há razão para não considerá-lo como sua própria visão).

No contexto, Van Til nega que o “paradoxo” dos três e um possa ser resolvido pela fórmula: “um em essência e três em pessoa”.

Esse desvio da fé da igreja cristã universal é realmente um paradoxo, mas é um fabricado pelo próprio Van Til. Que há paradoxos na Escritura é indubitavelmente verdadeiro. Um leitor é embaraçado num ponto e outro exegeta é embaraçado em outro. Mas quando uma linha de argumento resulta numa contradição reconhecível, tal como um objeto ser tanto três como um exatamente no mesmo sentido, isso deveria servir como uma advertência de que o argumento não é válido. A piedade que aceita contradições não é piedade, mas alguma outra coisa.

Além do mais, quando um teólogo afirma que um dado paradoxo não pode ser solucionado nessa vida por nenhum ser humano, ele está fazendo uma afirmação que requer onisciência. Que um estudioso falhou em encontrar na Escritura a solução de uma dificuldade não prova que ninguém o possa. Antes de tal conclusão poder ser razoavelmente traçada, deveria ser necessário traçar todas as inferências derivadas da Escrituras. Quando todas estiverem estabelecidas, somente então alguém poderá afirmar razoavelmente que a solução não existe.

Até então é melhor, mais racional, e mais piedoso continuar com a Confissão de Westminster: “Na unidade da Deidade há três pessoas de uma substância...” Onde é que o credo diz que há três *ousiaí*? Ou, uma Pessoa?

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
felipe@monergismo.com
Cuiabá-MT, 25 de Setembro de 2005